



ISSN: 2358-0844
n. 18, v. 1
out.2022-dez.2022
p. 251-265

Opressão e resistência: representações do espaço urbano em narrativas literárias contemporâneas

(Oppression and resistance: representations of urban space in contemporary literary narratives)

(Opresión y resistencia: representaciones del espacio urbano en las narrativas literarias contemporâneas)

Leandro Souza Borges Silva¹

RESUMO: A discussão tem como propósito abordar representações literárias do espaço urbano e as relações de opressão e resistência que permeiam a cidade. Para isso, duas produções literárias foram elencadas com o objetivo de ressaltar narrativas urbanas dissidentes. O relato autobiográfico escrito por Amara Moira, em *E se eu fosse puta*, juntamente com a coletânea de contos intitulada *O sol na cabeça*, de Geovani Martins, são produções literárias cujas expressões permitem averiguar contundentes representações do espaço urbano, suas contradições e antagonismos. Compreender a construção literária desses autores a partir de uma perspectiva descentrada, nesse sentido, engendra abordagens subversivas que protagonizam performances periféricas insurgentes. Tematizar e problematizar essas obras, portanto, possibilita repensar a divisão dos espaços, as relações desiguais que permeiam a cidade e as possíveis estratégias de resistência e subversão que atuam pela democratização dos espaços.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço urbano. Poder. Repressão. Resistência. Violência.

Abstract: The discussion aims to address literary representations of urban space and the relations of oppression and resistance that permeate the city. For this, two literary productions were selected to highlight dissident urban narratives. The autobiographical account written by Amara Moira, in *E se eu fosse puta*, alongside the collection of short stories entitled *O sol na Cabeça*, by Geovani Martins, are literary productions whose expressions allows us to verify striking representations of urban space, its contradictions, and antagonisms. Understanding the literary construction of these authors from a decentered perspective, in this sense, engenders subversive approaches that star in insurgent peripheral performances. Thematising and problematising these works, therefore, makes it possible to rethink the division of spaces, the unequal relationships that permeate the city, and the possible strategies of resistance and subversion that work for the democratization of spaces.

Keywords: Urban space. Power. Repression. Resistance. Violence.

Resumen: Este texto tiene como objetivo abordar las representaciones literarias del espacio urbano y las relaciones de opresión y resistencia que permean la ciudad. Para ello, se enumeraron dos producciones literarias para resaltar las narrativas urbanas disidentes. El relato autobiográfico de Amara Moira, *E se eu fosse puta*, junto con la colección de relatos titulada *O sol na cabeça*, de Geovani Martins, son producciones literarias cuyas expresiones nos permite comprobar las representaciones impactantes del espacio urbano, sus contradicciones y antagonismos. Entender la construcción literaria de estos autores desde una perspectiva descentrada produce enfoques subversivos que protagonizan actuaciones periféricas insurgentes. Tematizar y problematizar estas obras, por tanto, permite repensar la división de espacios, las relaciones desiguales que permean la ciudad y las posibles estrategias de resistencia y subversión que operan con la democratización de los espacios.

Palabras clave: Espacio urbano. Poder. Represión. Resistencia. Violencia.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: leandroborges@hotmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 03/01/2022
Aceito em 08/10/2022

1 Considerações iniciais

Compreender representações literárias que tensionem relações de poder e hierarquias discursivas tem sido prática recorrente no âmbito dos estudos literários, isso porque o objeto literário, para além de sua constituição formal e temática, é entendido com frequência em suas inerentes reverberações sociais e políticas, principalmente no que diz respeito às causas invisibilizadas que lutam pelos direitos de mulheres, negras/negros e comunidade LGBTQIA+. Nesse sentido, produções literárias a contrapelo, a exemplo de *E se eu fosse puta* (2016), de Amara Moira, juntamente com *O sol na cabeça* (2018), de Geovani Martins, dinamizam a literatura contemporânea e desestabilizam premissas engessadas pelo cânone vigente. A cidade, cenário e palco de subjetividades dissidentes, se estabelece nessas narrativas como lugar por onde sexualidades e marginalidades insurgentes se anunciam, instaurando corporeidades que desafiam normas de visibilidade. Assim, a proposta desta discussão verifica tensões discursivas que, nas obras citadas, figuram no espaço urbano em suas contradições e antagonismos, possibilitando notar de que maneira grupos historicamente segregados fundam estratégias de resistência.

Apreender a construção literária dos autores supracitados a partir de uma ótica descentrada, portanto, engendra abordagens abrangentes que protagonizam performances periféricas insurgentes. As narrativas aqui privilegiadas para discussão, em suas nuances formais e temáticas, agenciam marcadores discursivos sociais, históricos e políticos para desvelar estruturas coloniais modernas e institucionalmente legitimadas. Abordar e problematizar essas produções, nessa perspectiva, possibilita repensar a divisão dos espaços, das relações desiguais que permeiam a cidade e das possíveis estratégias de resistência e subversão que favorecem a luta pela democratização dos espaços. Nesta discussão, nota-se que performances públicas que fogem às normas cisheterossexistas, bem como presenças que não se conformam em hierarquias sociais preestabelecidas, por exemplo, são constantemente interditas na cidade.

Assim, relações entre espaço urbano e subjetividade literária possibilitam pensar a configuração da cidade como instância difusora de sentidos que, quando apreendida por escritores social e sexualmente dissidentes, permite situar a cidade em suas ambivalências. De acordo com Renato Cordeiro Gomes (1999) e Sandra Jatahy Pesavento (2002), o espaço urbano, numa visada literária, pode ser compreendido como instância material, espacial e simbólica pela qual conflitos sociais, desigualdades e antagonismos históricos se percebem. A cidade, nessa perspectiva, é o território do conflito, âmbito de legitimação identitária que, por meio de relações tensivas, constroem sistemas de significação. Os autores e obras aqui elencados para discussão, ambos em suas propostas específicas, são tomados aqui como articuladores e intérpretes do espaço urbano.



Amara Moira, ativista e escritora putafeminista, é travesti e professora doutora pela Universidade de Campinas (Unicamp). Sendo de Campinas, em São Paulo, a autora atua em favor da legalização da prostituição e tem assumido importante posicionamento crítico em relação a questões sociais, combatendo o machismo, a transfobia e outras formas de discriminação. *E se eu fosse puta* foi seu primeiro livro publicado e apresenta relatos autobiográficos nos quais a autora, numa escrita desenvolta, narra seu cotidiano. No livro, a escritora escancara as facetas de uma estrutura social extremamente repressora e violenta em relação às sexualidades dissidentes. A autora descreve sua rotina como prostituta nas ruas, ressaltando os desafios e dilemas de ser travesti. Debruçando-se numa escrita transgressora e íntima, Amara Moira desafia discursos cisheteronormativos e atua em prol de camadas sexualmente dissidentes. A narrativa da escritora, nessa perspectiva, protagoniza identidades subalternizadas e põe o cotidiano da prostituição em foco.

Quando ressalta subjetividades historicamente segregadas, Moira causa rasuras nas hierarquias discursivas e valida existências relegadas à exclusão, tecendo uma escrita na qual o espaço urbano, tanto em sua feição repressiva quanto reivindicativa, é representado em suas nuances tensivas. Nesses relatos autobiográficos, os casos de violência, exploração e más condições de trabalho das travestis são escancarados de forma a ressaltar desigualdades pungentes. Amara Moira defende, por meio de sua atuação literária e política, a legalização da prostituição como forma de assegurar direitos, segurança e respeito para essa camada. A obra *E se eu fosse puta*, dessa forma, constrói uma narrativa destacadamente insubmissa a partir dos conflitos experienciados pela autora que, ao relatar suas vivências, estabelece visões disruptivas que desvelam as malhas de uma sociedade transfóbica e segregacionista.

As narrativas fictícias de Geovani Martins, por outro lado, suscitam representações da periferia e de sujeitos periféricos em suas diversas nuances. Nascido em Bangu, no Rio de Janeiro, o autor incorpora em suas narrativas elementos que referenciam a favela como lugar de significação, lócus de identidade. Geovani Martins aborda essas temáticas enfocando perspectivas que referenciam seu lugar, sobretudo como escritor oriundo da periferia. Aclamada pela crítica, *O sol na cabeça* é a coletânea de contos que apresenta histórias e personagens que se alocam no ambiente periférico e central, transgredindo noções espaciais que separam a favela da cidade. No livro, a linguagem multifacetada transita entre o erudito e o popular, intercalando gírias a modalidades formais de comunicação. No conto da coletânea intitulado “Rolézim”, percebe-se que abundam os trechos nos quais a cidade é representada como espacialidade diversa, conflituosa e híbrida, pois a periferia, nesses contos, se intercala com os centros e outros setores não periféricos



da urbe.

Geovani Martins, escritor insurgente, desafia relações de poder historicamente engessadas e legítima posicionamento político-social por meio de sua atuação literária, reverberando em sua obra sentidos que protagonizam a periferia e concebem esse espaço como instância orgânica que reforça relações de partilha e resistência. O narrador, em sua trajetória vivencial, foi morador tanto do Bangu quanto do Vidigal (ambos bairros do Rio de Janeiro), de modo que esses trânsitos contribuíram para sua futura formação como escritor. Esse horizonte autobiográfico do escritor possibilita relevantes reflexões sobre a ascensão de sujeitos periféricos na literatura, fortalecendo discursos de representatividade e atestando a importância das minorias na ocupação de espaços antes relegados a uma elite.

Sujeitos à margem, nesse sentido, se apropriam de ferramentas comunicacionais para representar a urbe e desnudar sua dimensão natural imutável, a fim de denunciar a constituição cultural desse espaço, ressaltando sua mutabilidade enquanto horizonte de mudanças. Quando as malhas da espacialidade urbana são questionadas, mobilizam-se reflexões críticas acerca dos discursos que permeiam a metrópole. Pensar os conflitos de Campinas – onde se localiza o maior bairro de prostituição da América Latina – na escrita de Amara Moira, e nas contradições sociais do Rio de Janeiro – no qual estão alocados pungentes conflitos de violência e morte nas periferias – na narrativa de Geovani Martins, implica refletir sobre as dinâmicas de opressão e resistência mobilizadas nesses espaços. Em ensaio sobre semiologia do urbanismo, Roland Barthes (2002, p. 224) afirma que “A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a”. A urbe, nessa ótica, se instaura numa dinâmica de espelhamento na qual a cidade representa os sujeitos e é por eles significada em distintas representações discursivas.

2 Espaço urbano: opressão e resistência

Compreender a cidade como instância social significa reconhecer sua dimensão política permeada por dissimilaridades econômicas e contradições na distribuição dos espaços, de modo a compreender conjunturas excludentes da urbanização: desigualdades, privatização dos espaços, discriminação e marginalização socioespacial. O espaço urbano é entendido enquanto lugar no qual as hierarquias discursivas encontram palco, em que os conflitos e disparidades sociais são percebidos em sua materialidade concreta – divisão e segregação dos espaços – e em sua expressão subjetiva – discriminação, violência, preconceito e racismo –, de modo que problemas atuais são



alocados e experienciados nessas territorialidades.

A noção da cidade como configuração moderna, materialização suprema da civilização, demonstra insucesso quando essas contradições internas são escancaradas. No dizer de Renato Gomes (1999, p. 21), “o espaço urbano é o lugar privilegiado de intercâmbio material e simbólico do habitante citadino, também se verifica aí uma distribuição desigual desse capital simbólico”. Como lócus cambiante de interações humanas, a urbe é moldada no devir histórico e apresenta as mazelas e caminhos não resolvidos pela modernização: segregação e exclusão social. Partindo desse pressuposto, urge fundar uma abordagem simbolicamente engajada do espaço urbano, pois é nela que se verifica “a agudização das contradições e desigualdades internas das cidades”. (GOMES, 1999, p. 21)

Nessa direção, Renato Cordeiro Gomes (1994) enfoca a metáfora da literatura como experiência urbana, tematizando a cidade em sua dimensão moderna, esta engendrada pelo capitalismo, portanto, transpassada de contradições. Ao abordar o texto e suas implicações na metaforização da cidade, o autor entende a urbe como instância fragmentada, vítima dos processos de modernização que apagaram as diferenças. Nesse entendimento, o autor compreende o espaço como pulverizado e disperso, defendendo a inexistência de um sentido legível na cidade, de modo que “mais que lugar de encontros acidentais, espaços do efêmero, ou pontos de cruzamento, a cidade é ambiente de mudanças, de rupturas, pontos focais da comunidade intelectual”. (GOMES, 1994, p. 105)

Por esse caminho, a cidade se constitui como estrutura orgânica em processo de constantes mudanças, o que dificulta o firmamento de identidades, estas em frequente transformação. Esse devir citadino, se impõe obstáculos na fixação de determinadas identidades, por outro lado, possibilita que outras se anunciem, permitindo que expressões outrora emudecidas sejam mobilizadas. Sendo lugar de constante transformação, movimento e interação entre sujeitos, o espaço urbano anuncia a possibilidade de mobilização de comunidades antes alocadas em lugares físicos e discursivos marginais. Cabe pensar, portanto, que os protagonistas da metrópole são aqueles cujos corpos estigmatizados reagem às violências históricas. Nessa questão, Renato Cordeiro Gomes (1994, p. 69) enfatiza:

A metrópole não é mais o espelho que poderia confirmar a identidade de corpo inteiro. A pólis perversa gerada pela modernidade associa-se à fragmentação e à ruína da sociabilidade. [...] Este é o universo da grande cidade moderna, lugar da experiência de ser estranho no mundo, de estar sob o signo da precariedade e do desamparo, cujos heróis são os inadaptados, os marginais, os rejeitados que reagem à atrofia da experiência.

Para além de conceber a cidade como espaço no qual se nota a ruína da sociabilidade,



considera-se mais pertinente entender a urbe como território de significação pelo qual a sociabilidade cria mecanismos de interação entre os sujeitos. Assim, cabe ressaltar a acepção de Renato Cordeiro Gomes no que se refere a esses indivíduos marginais reagentes à atrofia da experiência cidadina e que, ao se expressarem sob o signo da precariedade e do desamparo, desvelam incongruências sociais e mazelas oriundas de uma estrutura urbana segregacionista. Ao comentar a respeito desses heróis inadaptados, o autor suscita reflexões que apontam para experiências calcadas no desconforto urbano, expressões que leem e escrevem a metrópole ressaltando seu revés constante. Escrever e representar a cidade, sob a ótica dos inadaptados, implica mobilizar os sentidos urbanos que estão em contínuo processo de transformação, não deixando de salientar, entretanto, aqueles sentidos que se perpetuam no devir histórico: restrição dos espaços e periferização das camadas pobres.

A espacialidade urbana é interpretada sob diversas modalidades e áreas científico-metodológicas, cabendo aqui restringir uma concepção abrangente da cidade, abarcando questões relacionadas à sua compreensão por vias subjetivas, focalizando representações literárias dos espaços, nos quais indivíduos alocados em específicas condições desvelam estruturas mantenedoras da separação dos espaços e lugares sociais subalternos. No dizer de Sandra Jatahy Pesavento (2002), o espaço urbano está destinado a ser o centro de embates por onde se pode apreender modulações histórico-sociais, de maneira que perceber tais modulações requer do analista entendimento de representações que tematizem a urbe. A autora entende a metrópole como instância evocadora de sentidos e estabelece uma visada histórica por meio do olhar literário da cidade.

Sandra Jatahy Pesavento (2002, p. 13) ressalta, ainda, que “a literatura tem, ao longo do tempo, produzido representações sobre o urbano, que traduzem não só as transformações do espaço como as sensibilidades e sociabilidades dos seus agentes”. Ao reconhecer diferentes abordagens feitas da cidade, a autora reconhece a dimensão literária do espaço urbano e assevera sua intrínseca relação com os demais entendimentos da cidade. Ver e narrar a metrópole, por assim dizer, significa interpretá-la segundo premissas específicas que, efetuadas cada uma a seu modo, mesmo quando não se complementam, possibilitam relações. Atribuir sentidos à urbe não implica significar a cidade, mas significar a si mesmo, confluindo realidade material, pessoal e realidade simbólica.

Ainda no dizer de Pesavento (2002, p. 14), “os relatos literários nos colocam diante das cenas urbanas que reconstituem uma possibilidade de existência do social, expressando as forças em luta, os projetos realizados e as propostas vencidas [...]”. Apesar de trabalhar sob o enfoque histórico e literário, as postulações de Pesavento colaboram para com os estudos acerca do espaço urbano em geral, pois ressaltam a dimensão representativa da urbe em suas diferentes configurações.



Nesse sentido, compreender que a cidade é formulada como discurso e imagem implica entendê-la em sua materialidade simbólica, de modo a conceber sua representação como fruto de identidades sociais culturalmente construídas. Sendo articulação de signos, as representações da metrópole podem adquirir feições identitárias específicas, haja vista que o território urbano é tão heterogêneo quanto as interpretações que dele são feitas. O traçado urbano que se fez aqui, portanto, pretende abordar a espacialidade enquanto campo aberto, plural, contraditório e conflituoso.

Lúcio Kowarick (2007, p. 178), ao ponderar sobre as complexas configurações sociais e econômicas que se materializam nas áreas centrais de São Paulo, por exemplo, constata que o centro, sendo espacialidade que agrega a diferença e a diversidade, também se configura como instância conflituosa: “[...] o Centro possui boa oferta de serviços coletivos, é comercialmente dinâmico e atrai diariamente milhões de pessoas. É também local de polarizações e, por conseguinte, de conflitos pela apropriação do espaço”. Nessa discussão, o cientista político reforça que o espaço urbano é dinâmico e carrega em suas divisões reflexos de modelizações sócio-histórico-espacial, a exemplo da segregação pungente nos cortiços e o afastamento proposital das periferias em relação aos centros. Ao afirmar que é na cidade que os sujeitos “[...] se estruturam em interesses diversos e, por vezes, antagônicos que procuram mobilizar forças para levar adiante suas reivindicações” (KOWARICK, 2007, p. 203), o autor endossa que a maneira de ocupar os espaços da cidade é eminentemente política.

Em *E se eu fosse puta*, o espaço urbano adquire feição contrastiva, de modo que os lugares e territórios da cidade são apreendidos em suas configurações tanto repressivas quanto acolhedoras. Nos relatos de Amara Moira, são frequentes as descrições dos becos, ruas, terrenos baldios e cantos da urbe:

O cheirinho de recém-lavado no pau, sabonete, foi só a coisa que me frustrou, pois sou doída com suor de macho. Valeu mesmo assim e me empenhei, mas ele queria mais, me comer, e eu, doída de vontade de descobrir se eu conseguiria, deixei. Descemos do carro, tudo se desenrolando, agora eu deitada de costas no capô, minhas pernas enlaçando seu corpo, a céu aberto, outras fazendo o mesmo a uns tantos metros dali. (MOIRA, 2016, p. 22)

A dimensão legitimadora do espaço urbano consta nesses e em outros trechos do relato, asseverando que é por meio dos lugares periféricos, insalubres e segregados que as travestis validam suas identidades e seus prazeres. Esses espaços considerados marginais, escuros e desertos se constituem território por onde essas subjetividades transitam, se reconhecem, atuam e validam suas performances diárias de gênero. A prostituição, nesse sentido, não se efetiva apenas como prática de subsídio financeiro, mas também se estabelece como atividade de legitimação de seus



prazeres, desejos e corpos. Hélio Silva (2007), nessa discussão, ressalta que a figura da travesti é frequentemente aludida às vielas escuras, sótãos sombrios e áreas arquitetônicas periféricas pouco frequentadas. Esses espaços, portanto, são compreendidos em sua dimensão contrastante, sendo lugares que atestam a segregação de sexualidades subalternizadas, porém se efetuam, também, como espaço de consolidação dessas subjetividades.

As narrativas ficcionais de *O sol na cabeça*, de maneira semelhante, representam a cidade em sua nuance segregacionista que, ao delimitar normas veladas de circulação nos espaços, interdita subjetividades periféricas e reforça a marginalização dessas camadas. O conto “Rolézim”, nesse sentido, imputa ao território urbano figuras contrastantes, salientando a segregação da periferia e seus entrecruzamentos com áreas centrais. Nesses contos, a feição repressora do ambiente urbano se instaura por meio da presença da polícia:

Operação mermo só teve quase uma semana depois, que foi até quando tiraram a vida do Jean. Sem neurose, gosto nem de lembrar, tu tá ligado, o menó era bom. Só queria saber de jogar o futebol dele, e jogava fácil! Até hoje vagabundo fala que era papo de virar profissional. Já tava na base do Madureira, logo iam acabar chamando ele pra um Flamengo, um Botafogo da vida. Pronto! Tava feito! Mó saudade daquele filho da puta, na moral. Até no enterro o viado tirou onda, tinha umas quatro namorada chorando junto com a mãe dele. Esses polícia é tudo covarde mermo, dando baque no feriado, com geral na rua, em tempo de acertar uma criança. (MARTINS, 2018, p. 11-12)

Pode-se notar que o conto “Rolézim”, nesse trecho, ressalta o assassinato de um jovem perpetrado pelo aparato repressor da polícia, circunstância agravante e em ascensão na atual conjuntura nacional. O personagem narrador, quando descreve as saudades do amigo, ressalta possibilidades otimistas de vida que, no entanto, são interrompidas por meio das práticas violentas da polícia. O autor relaciona a figura policial com práticas de violência e morte, reverberando flagrantes dados estatísticos e sociais acerca dos assassinatos de jovens negros nas favelas do Rio de Janeiro e no país. A contextura desse conto pressupõe violentas relações de poder, escancarando realidades massacradas por forças estatais historicamente racistas e punivistas. A escrita de Geovani Martins referencia o extermínio de jovens negros que, com anuência implícita do Estado e de alguns setores da sociedade, interrompe vidas negras. Quando enquadra representações a contrapelo e elucida a cidade enquanto território permeado de relações desiguais, a narrativa situa os personagens em uma atmosfera tensiva que, em constante contato com realidades marginalizadas, protagoniza o lócus periférico.

Nessa discussão, as premissas de Henri Lefebvre (2002) corroboram com o entendimento de que a distribuição dos espaços é historicamente desigual: “O urbano poderia, portanto, ser definido como lugar da expressão dos conflitos, invertendo a separação dos lugares onde a expressão



desaparece, onde reina o silêncio [...]”. (LEFEBVRE, 2002, p. 160) Permeada de silêncios que significam e se transparecem por meio de representações, a posição aqui defendida compreende que a exclusão socioespacial acarreta uma profusão de manifestações simbólicas insurgentes que não sucumbem ao silenciamento, mas que gritam e problematizam dilemas socioespaciais constantes.

Henri Lefebvre (2002, p. 10), nesse sentido, enxerga a cidade “enquanto campo de tensões e conflitos, como lugar dos enfrentamentos e confrontações, unidade das contradições”. O autor defende que o espaço apresenta possibilidades de emancipação do ser humano, pois nesse território ambivalente composto por violências e desigualdades sociais são percebidas ações que indicam metamorfoses urbanas significativas que anunciam reivindicações pelo direito à cidade.

Nessas narrativas, o espaço urbano se efetua como território no qual a condição marginalizada dos sujeitos é tematizada, de forma a ressaltar as estruturas mantenedoras de desigualdades e disparidades sociais flagrantes, sendo os(as) personagens elementos que constituem o cosmo cidadão segregacionista. A força policial, na escrita de Geovani Martins, adquire feição intimidatória não apenas nos centros urbanos, mas também nas periferias. Para Marielle Franco (2014), em análise das políticas de segurança pública no Rio de Janeiro, algumas organizações policiais, no controle das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), intensificam os embates violentos nas periferias, transformando a comunidade em um ambiente hostil e repressor. Ainda no dizer da autora, os empreendimentos neoliberalistas, por meio das privatizações e expansão do mercado, “indicam um reforço para o capitalismo nas grandes cidades, com características de especulação imobiliária e a expansão das favelas, do desemprego, informalidades e acirramento da violência urbana”. (FRANCO, 2014, p. 89). Nesse sentido, a periferia se caracteriza em *O sol na cabeça*, seja pela atuação das milícias ou do tráfico, como territorialidade conflituosa, imbuída por hierarquias discursivas e relações tensivas.

Em *E se eu fosse puta*, os maus tratos imputados às travestis são predominantemente praticados pelos clientes

Eu, que me achava poderosa, em condições de peitar quem quer que fosse por conta da criação que tive, não dei conta de evitar que o cliente me forçasse a seguir com o programa mesmo depois de ele ter me machucado, mesmo depois de eu sem vontade alguma, eu sentindo as dores não só físicas, mas também as de não conseguir dizer não. Sinalizar sofrimento não foi o bastante para evitar que ele continuasse e, na verdade, hoje me parece até que ele se excitou mais em imaginar que, com seu pau, conseguiu machucar uma profissional do sexo. (MOIRA, 2016, p. 58)

Nessa passagem, a autora relata momentos de desrespeito e agressão vindos de uma figura masculina que, permeada por discursos cisheterossexuais, considera o corpo trans repreensível nos locais centrais, porém desejável nas periferias e descartável nos cantos e recintos afastados da



urbe. Percebe-se, portanto, que as travestis, como corpos abjetos e desejados, despertam rejeição social nos centros urbanos, embora sejam cobiçadas e exploradas nos espaços marginalizados. Expostas às violências de toda ordem, tais subjetividades, pela sua condição subalternizada, têm seu direito à circulação e livre expressão frequentemente interditados, requerendo dessas pessoas posturas combativas que desafiem e desestabilizem discursos cisheteronormativos historicamente engessados. Na compreensão de Judith Butler (2003), as travestis subvertem os espaços e as noções de gênero, causando rasuras em premissas cisheteronormativas que oprimem indivíduos sexualmente dissidentes.

É por esses liames que a escrita de Amara Moira apresenta uma notável expressão sexualmente transviada e subverte relações de poder. Sobre o termo ‘transviado’, Berenice Bento (2017, p. 139) defende que este é capaz de fundar “outros marcadores da diferença social e fazer cruzamentos, seja da questão racial, religiosa, de regionalidades e também geracional”, asseverando que uma expressão sexualmente transviada ressignifica postulações estrangeiras e adequa discussões antes desvinculadas do contexto nacional para o local. Dessa maneira, como produção literária, cujos sentidos e expressões englobam a atmosfera vivencial das travestis e demais sexualidades subalternizadas, *E se eu fosse puta* se estabelece como obra permeada de expressões transviadas, aqui entendidas como construções cuja autoria, conteúdo e tema abarquem vivências, reflexões e temáticas que referenciem realidades de pessoas trans. A abordagem transviada, quando presente no discurso literário, engendra perspectivas subversivas e recusa denominações totalitárias e estigmatizadas que discriminam existências aquém do padrão binário cisheteronormativo vigente.

Dessa forma, tanto em *E se eu fosse puta* quanto em *O sol na cabeça*, escritas contemporâneas de notável linguagem coloquial, o trato subversivo dos modelos tradicionais de narrativa fundamenta o conteúdo transgressivo dessas construções, protagonizando camadas consideradas inferiores que, quando expostas às situações de frequente tentativa de violência e repressão, caracterizam o espaço urbano em suas históricas e sociais ambivalências. Compreender essas produções literárias como obras que problematizam o espaço urbano, portanto, implica entender as diferentes configurações que a cidade apresenta nessas narrativas, a dimensão biográfica e vivencial dessas escritas.

Em “Rolézim”, o preconceito sofrido nas ruas pelos moradores das favelas é constantemente descrito, a exemplo da discriminação praticada pelos jovens da classe média/alta:

Quando eles tão sozinho, olha pra tu tipo que com medo, como se tu fosse sempre na intenção de roubar eles. Aí quando tão de bondão, eles olha tipo que como fosse juntar ni tu. É foda. O Tico e o Poca Telha tentaram a sorte e não deu outra. Tinha dois menó ali perto de nós com mó cara de quem dá um dois. Desde que nós chegou que eles tava ostentando. Passava mate eles comprava, passava biscoito eles comprava, açaí comprava,



sacolé comprava. Deviam tá mermo era numa larica neurótica. Eu já tinha palmeado pelo menos uns dois menózim que tavam escoltando eles, só no aguardê pra dar o bote. E eles lá, panguando, achando que o bagulho é Disneylândia. (MARTINS, 2018, p. 12-13)

Os preconceitos endereçados às comunidades sociais historicamente invisibilizadas obtêm espaço nas relações sociais e nos encontros do espaço urbano. A hierarquização social e discursiva, nesse sentido, agudiza os conflitos na urbe, de modo que a representação desses abismos sociais, no caso de Geovani Martins, evidencia um “projeto intelectual do escritor de reler o contexto de grupos oprimidos, buscando retratá-los nos textos”. (NASCIMENTO, 2006, p. 11) No entendimento de José Tonani do Patrocínio (2016, p. 156), “os autores da Literatura Marginal instauram um pacto de leitura baseado em uma operação conjugada, posto que é um discurso formado a partir de uma experiência vivida, mas que deseja ser reconhecida como ficção”. No dizer de Érica Peçanha Nascimento (2006, p. 15), a literatura marginal legitima seus produtores numa “classificação representativa do contexto social nos quais estariam inseridos: à margem da produção e do consumo de bens econômicos e culturais, do centro geográfico das cidades e da participação político-social”. A passagem do conto apresentado demonstra os embates sociais oriundos das diferenças de raça e classe que, estigmatizando sujeitos periféricos, estabelece convenções que predeterminam lugares de ocupação.

O olhar da classe média, quando condena a partilha do espaço público com jovens da periferia, atribui à cidade figuração segregacionista na medida em que seu olhar seletivo qualifica quem tem direito ou não aos espaços. Nessas obras, notam-se procedimentos de escrita calcados na experiência vivencial das autorias, sendo o fator autobiográfico elemento que norteia representações do urbano. Tanto Amara Moira quanto Geovani Martins suscitam notáveis compreensões a respeito de específicas coletividades relegadas ao apagamento e exclusão, fundando estratégias de expressão que denunciam e combatem discursos excludentes. As narrativas dessas autorias demonstram desafios e dilemas de subjetividades cindidas que são interpeladas por uma cultura opressiva.

Em *E se eu fosse puta*, por exemplo, mesmo quando tem sua identidade reconhecida em público, a autora ressalta suas inseguranças e dúvidas:

Ele suava frio segurando minha mão em plena rua deserta, iniciativa dele, só nós dois e uns poucos carros. Era nítido que queria mostrar pro mundo que eu tinha dono, mas de qualquer forma só consegui fazê-lo ali, quando já não havia quem visse. Fiquei lisonjeada, é claro, e lembrei de como eu mesma me senti a primeira vez que fui ao shopping com minha namorada travesti, nos idos dos meus 17, 18 anos [...], eu ainda um menino bobão, desde sempre bissexual, querendo-não-querendo que vissem. Me diverti vendo aquelas angústias não ditas, dele mas também tão minhas, eu agora assumindo o papel de “pessoa com quem não se deve ser visto”. Será que desde a rodoviária ele queria agarrar minha mão, andar de mãos dadas? Se sim, a coragem suprema só veio quando chegamos à tal rua dos hoteizinhos, quando não havia na rua mais que esses dois bocós,



ele e eu. Gostei mesmo assim. (MOIRA, 2016, p. 53)

O espaço urbano, como território do conflito, é representado nesse trecho em sua dimensão reivindicativa, pois a rua se estabelece como lugar de autenticação e legitimação da subjetividade travesti. Quando se permite andar ao lado de Amara Moira nesse espaço, o homem – mesmo que a relação estabelecida seja contratual – reconhece Amara e atribui a ela condição de sujeito, respeitando sua integridade e sua constituição como pessoa. A autora, no entanto, desconfia dessa aparente conveniência e demonstra insegurança ao suspeitar que seu parceiro apenas aceita sua companhia numa rua vazia, afastada dos olhares públicos. Nesses relatos, a cidade é representada como espaço da discriminação e da insegurança, mas também entendida como lugar por onde essas subjetividades historicamente violentadas se certificam e autenticam suas vivências e identidades. Para Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes (2016), o espaço urbano se estabelece como lugar importante para as travestis, pois são nos espaços públicos, apesar das violências, que elas são procuradas, desejadas e aceitas.

Amara Moira, quando descreve as diversas formas como é recebida nos centros e periferias, ressalta a rejeição que a acomete nos lugares centrais, mas também reconhece que é bem recepcionada nos espaços marginalizados. Percebe-se, nesse sentido, que é majoritariamente na prostituição que essas subjetividades são aceitas, na qual são cobiçadas e reconhecidas. A prostituição no ambiente periférico, portanto, é prática de sociabilidade, de relações e trocas nas quais as travestis fundamentam suas identidades e legitimam suas existências. No entendimento de Paul B. Preciado (2017, p. 11), “a produção de sujeitos desviados na modernidade é inseparável da modificação do tecido urbano, da fabricação de arquiteturas políticas específicas nas quais esses sujeitos circulam, se adaptam e resistem à normalização”. Dessa forma, percebe-se que as travestis modificam o cenário urbano ao se adaptarem e resistirem às prescrições que deslegitimam suas existências, atribuindo aos espaços significações que se pautam pela organização e ocupação dos lugares pela ótica diversa, plural e reivindicativa.

Em *O sol na cabeça*, de maneira similar, nota-se que o sujeito tensiona hierarquias discursivas ao legitimar sua vivência por meio da ocupação dos espaços públicos, pela troca partilhada dos espaços e na reunião coletiva com outras presenças periféricas:

Depois do baseado fiquei viajando, olhando as gaijotas voando no céu. Quando batia o olho de frente com o sol, ficava tudo brilhando, mó marola. Quando não dava mais pra aguentar o calor, fui gastar minha onda na água. Foi a melhor parte: peguei vários jacaré bolado, ficava marolando rodando o corpo todo até a onda me deixar na areia. Depois ficamos geral disputando quem conseguia ficar mais tempo debaixo da água, mó perrengue! Só fumante no bagulho! (MARTINS, 2016, p. 14)



Entender as contradições e os dilemas da cidade requer perceber as prescrições que restringem a circulação de algumas camadas em relação às outras. Trata-se, portanto, de compreender o lugar social que os sujeitos ocupam. Nesse trecho, mesmo figurando como território conflituoso, a cidade também se efetiva como espaço do encontro, da distração e do lazer. Mesmo quando as práticas opressivas empreendem a segregação aos jovens subalternizados, estes reivindicam direito aos espaços ao caminhar e se divertir nos lugares públicos, autenticando suas existências e desafiando hegemonias prevaletentes. No dizer de Paulo Roberto Tonani do Patrocínio (2016, p. 153), a escrita marginal-periférica possibilita perceber que “tais elementos ressoam como um mecanismo de intervenção social que almeja a criação de uma identidade própria em oposição aos grupos sociais pertencentes ao centro”. O rolezinho, dessa maneira, não é apenas lazer, mas também prática de ressignificação e apropriação dos espaços, ação que rasura discursos excludentes que relegam corpos considerados abjetos para as margens.

O espaço periférico se estabelece, portanto, como lugar de luta, embate e significação, onde indivíduos marginalizados subvertem relações de poder, constroem e autenticam suas identidades. Quando se deslocam da periferia aos locais entendidos como formais, públicos e centrais da cidade, esses indivíduos periferizam os espaços e atuam pela democratização dos lugares. Ocupar as ruas e transgredir as normas, como prática subversiva, fundam importantes processos de ressignificação dos espaços, reterritorializando os centros e firmando a favela como lugar ocupado por subjetividades importantes. Érica Peçanha (2006, p. 34), nessa temática, salienta que os(as) escritores(as) periféricos(as) priorizam abordagens relacionadas aos problemas cotidianos das camadas populares, a exemplo da “[...] violência urbana, a carência de bens e equipamentos culturais, as relações de trabalho e a precariedade da infraestrutura urbana – sempre calcados numa ideia comum sobre o espaço social da periferia”. A dimensão repressiva e reivindicativa do espaço urbano, portanto, se efetiva tanto em *E se eu fosse puta* quanto no conto “Rolézim”, de *O sol na cabeça*. Na primeira obra, as antagônicas representações do urbano se efetivam por meio dos relatos autobiográficos de Amara Moira. Na segunda, as contraditórias figurações da cidade se efetivam por meio das narrativas ficcionais que referenciam as experiências sociais e culturais de Geovani Martins.

3 Considerações finais

Abordar a dimensão desigual dos espaços implica compreender políticas e práticas discursivas que reforçam hierarquias sociais que, em favor da preservação de privilégios, mantêm



estruturas segregacionistas, impondo limites de expressão urbana para determinados grupos. Em *E se eu fosse puta*, as ruas da cidade são territórios hostis para as travestis, mas também são espaços nos quais firmam a transgressão das normas. Ao circularem irreverentemente pelas áreas periféricas e centrais, esses corpos se apropriam dos lugares e rasuram sua própria estigmatização. O espaço urbano, portanto, figura como territorialidade da opressão, mas também da resistência. É por meio dessas práticas que grupos historicamente marginalizados empreendem a reterritorialização da metrópole, ocupando a cidade por meio de inovadoras formas de autenticação identitária.

Em *O sol na cabeça*, a abordagem do espaço urbano também propõe descrever as desigualdades, de modo que a circulação social e os espaços são representados em sua dimensão discriminatória e excludente. Os sujeitos periféricos, no conto “Rolézim”, não se intimidam perante os preconceitos perpetrados e fundam estratégias e práticas de resistência ao firmarem presença na cidade, combatendo o cenário de apagamentos e exclusões. Em contraposição às normas que subalternizam suas existências, esses sujeitos se apoderam dos espaços e criam novas maneiras de validar suas vivências. É por meio da periferação do espaço público, portanto, que esses sujeitos contestam discursos que apartam centro e periferia. A cultura periférica, em sua dimensão subversiva, não se limita aos espaços marginalizados, firmando-se lugar de significação e centro cultural que abrange outras esferas. Ambas as obras, em suas singulares representações da cidade, se efetivam como produções cuja transgressão literária atesta importantes subversões sociais recentes, ressaltando movimentos e lutas que atuam pela democratização dos espaços.

Referências

BARTHES, R. Semiologia e urbanismo. In: BARTHES, R. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 219-231.

BENTO, B. É o queer tem para hoje? Conversando sobre as potencialidades e apropriações da teoria queer ao Sul do Equador. Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento. In: BENTO, B. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: Edufba, 2017. p. 123-168.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERNANDES, C. E. A. *Um percurso pelas configurações do corpo de personagens travestis em narrativas brasileiras do século XX: 1960-1980*. 2016. 180 f. Tese (Dourado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

FRANCO, M. *UPP – A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro*. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

GOMES, R. C. A cidade, a literatura e os estudos culturais: do tema ao problema. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 19-30, 1999.

GOMES, R. C. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de



Janeiro: Rocco, 1994.

KOWARICK, L. Áreas centrais de São Paulo: dinamismo econômico, pobreza e políticas. *Lua Nova*, São Paulo, n. 70, p. 171-211, 2007.

LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MARTINS, G. *O sol na cabeça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MOIRA, A. *E se eu fosse puta*. São Paulo: Hoo Editora, 2016.

NASCIMENTO, É. P. *Literatura marginal: os escritores de periferia entram em cena*, 2006. 211 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PATROCÍNIO, P. R. T. Subalterno, periférico e marginal: os novos sujeitos da enunciação no cenário cultural brasileiro. In: ALMEIDA, J; SIEGA, P. (org.). *Literatura e voz subalterna*. Vitória: Edufes, 2016. p. 149-170.

PESAVENTO, S. J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

PRECIADO, P. B. Cartografias queer: o flâneur perverso, a lésbica topofóbica e a puta multcartográfica, ou como fazer uma cartografia “zorra” com Annie Sprinkle. *Performatus*, Inhumas, v. 17, n. 17, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3BQnL6A>. Acesso em: 21 dez. 2022.

SILVA, H. R. S. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

